



Paralisados há oito dias, policiais civis reuniram-se em assembléia e decidiram manter a greve e parar atividades em setores estratégicos de segurança

Sem um negociador, greve da polícia fica à beira da explosão

Secretário de Segurança abandona as negociações com os policiais civis e categoria promete radicalizar movimento

Karla Mendes
Da equipe do **Correio**

A greve dos policiais civis caminha para o impasse. Com a continuidade da greve, o secretário de Segurança Pública, Roberto Aguiar, se retirou das negociações. E os policiais pretendem radicalizar o movimento ainda mais e parar setores estratégicos como o transporte de cadáveres para o Instituto Médico Legal. Ainda não está definido quem será o novo negociador do governo.

A assembléia da categoria, realizada ontem de manhã, decidiu pela continuidade do movimento. Os policiais civis, há oito dias em greve, estão furiosos com o governador. Consideraram uma afronta a quebra da promessa, feita pessoalmente por

Cristovam Buarque, de que os tíquetes-alimentação, uma das reivindicações da categoria, estariam depositados na segunda-feira à noite. Até ontem à tarde, nada havia sido depositado.

O presidente do Sindicato dos Policiais Civis do Distrito Federal (Sinpol), Hugo de Souza Filho, disse que a categoria tem demonstrado que está disposta a negociar. Ele reclama que a assembléia que deveria acontecer na manhã de segunda foi desmarcada porque o governo se comprometeu a apresentar uma contraproposta à pauta de reivindicações dos grevistas na terça-feira. "Não nos apresentaram nada de concreto e não depositaram os tíquetes. Não acreditamos mais em promessas", reforça.

A única proposta do governo para

o fim da greve, a equiparação salarial dos novos policiais com os antigos (uma diferença de R\$ 300), não foi aceita na assembléia.

O secretário Roberto Aguiar disse que está "chocado com as declarações dos grevistas". Ele não quis comentar sobre as propostas apresentadas ao comando de greve. "Não negociamos com o Mácio Baiochi (secretário-adjunto de Administração). Ele não entende nada de segurança", rebate Hugo de Souza.

Segundo Cristovam Buarque, houve um problema técnico, mas o pagamento do tíquete está sendo processado. Ele afirmou que está muito preocupado com o dia de visitas, sábado e domingo, no presídio da Papuda. "Querem fazer tiroteio e vão levar metralhadoras, granadas e bombas para lá para tentar impedir a visita aos presos na Papuda."

O governador não poupou o deputado Renato Rainha e o acusa de insuflar a greve para tirar proveito político. "O deputado Rainha quer tocar fogo no DF para viabilizar os candidatos dele. Estão querendo

provocar um tumulto, com mortes. Tentaram isso já na Estrutural, na Esplanada e agora vão tentar na Papuda."

BARRIL DE PÓLVORA

Tanto o governo quanto os policiais acreditam que, com o impasse, existe uma grande possibilidade de acontecer uma rebelião no presídio da Papuda. Desde que a greve foi deflagrada, os presidiários não recebem visitas porque os policiais não estão trabalhando — apenas os 18 agentes penitenciários ficaram em atividade.

O comando de greve está irreductível. "Os policiais também não trabalharão no próximo final de semana na Papuda", afirma a secretária-geral do Sinpol, Joana Isackson. "Isso vai deixar o pessoal mais nervoso. A droga já acabou dentro do presídio", revela um agente penitenciário.

O governo, entretanto, vai garantir um esquema especial de transporte para os familiares e amigos de presidiários.